

09/04



Rua da zona norte fica 1 mês sem luz

O aposentado Alcides Valente, 68 anos, da Vila Mazzei (zona norte), conta que dez postes da rua Santa Leocádia ficaram sem luz por um mês e que o llume não tomou providências, mesmo após várias reclamações.

"Liguei seis vezes para o llume, mas os atendentes sempre alegavam que o caso já tinha sido resolvido."

De acordo com Valente, o problema se arrasta desde o dia 21 de fevereiro.

"Por causa de um temporal aqui em São Paulo, a iluminação da rua e a das casas foram prejudicadas", diz.

O aposentado afirma que o fornecimento de energia dentro das residências foi normalizado rapidamente. No entanto a rua onde mora permaneceu às escuras.

Segundo o leitor, ao menos cinco moradores acionaram a prefeitura, mas não obtiveram sucesso. "Também falaram para eles que o reparo já havia sido realizado", conta.

"Não entendi a postura da prefeitura ao dizer que a iluminação estava em ordem. Se entrei em contato com eles várias vezes, é porque o problema ainda persiste."

Valente diz que a situação gera insegurança nos moradores. "Tenho medo de ser assaltado nessa escuridão."

Prefeitura faz reparo

A Secretaria de Serviços informa que uma equipe de manutenção do llume (Departamento de Iluminação Pública) compareceu à rua Santa Leocádia no dia 23 de março e detectou que a rede de iluminação estava em curto.

Segundo a secretaria, é difícil detectar esse tipo de falha na rede, pois ela pode ser confundida com um caso de desligamento da chave de segurança.

A secretaria afirma ainda que, no mesmo dia em que diagnosticou o problema, o reparo foi feito.

Em novo contato com o Agora, Alcides Valente confirmou a resolução do caso.

Leitor reclama que lâmpadas não são apagadas

☞ Enquanto as autoridades pedem para que a população reduza o consumo de energia, elas mesmas não cumprem o que dizem. Moro na Rua Rio Negro, no Jardim Olímpia, zona leste da capital, e, há seis meses, os postes de iluminação simplesmente não são apagados. As luzes ficam acesas durante todo o dia e nem adianta ligar para o Departamento de Iluminação Pública (Ilume). Cansei de ser atendido e perguntar quando as lâmpadas serão apagadas durante o dia, mas nada é feito. Continuo consultando os protocolos na internet, mas eles re-

cebem baixa sem que a minha solicitação seja atendida. Fiquei sabendo que outras ruas do bairro também estão enfrentando o mesmo problema. Quando esse desperdício terá um fim?

Vanderlei Ferreira,
CAPITAL

DA REDAÇÃO: Em resposta, o Departamento de Iluminação Pública (Ilume) informa que uma equipe de manutenção trocou os sensores das lâmpadas no último dia 6, normalizando a situação da via.

Ambiente Em maio, evento em SP permitirá a troca de experiências entre 40 prefeitos de todo o mundo

Megacidades buscam saídas para enfrentar mudanças climáticas

Daniela Chiaretti
De São Paulo

Tóquio tem 33 milhões de habitantes e só perde 3,5% da água tratada em vazamentos na rede — em Londres, esse índice é de 25%, e a média das cidades brasileiras é de espantosos 39%. Estocolmo recebe quem chega ao aeroporto tanto com táxis “verdes” como com os tradicionais a diesel — o cliente escolhe o que quer, o preço é o mesmo. No centro de Toronto, o consumo de energia com ar-condicionado vem sendo substituído por um sistema que opera a partir das águas geladas dos Grandes Lagos. São Paulo transforma lixo em energia e poucas cidades do mundo fazem o mesmo. A troca de bem-sucedidas experiências sustentáveis entre as 40 maiores cidades do mundo reunirá prefeitos em evento em São Paulo, entre 31 de maio e 3 de junho. A cúpula dessa edição da C-40, como se chama a organização por trás do encontro, será presidida por Michael Bloomberg, o prefeito de Nova York.

O que dá liga entre as 40 megacidades é o compromisso de reduzir emissões de gases-estufa e adaptar aos impactos da mudança do clima. A rede de prefeitos foi criada em 2005, pelo então prefeito de Londres Ken Livingstone, com este mote. Os políticos se reúnem a cada dois anos e nos intervalos há workshops sobre megaproblemas de interesse comum — lixo, transporte, construções, água, energia. “São Paulo é uma ótima cidade”, surpreende Simon Reddy, ecologista de formação com mestrado em biologia marinha e secretário-executivo do C-40. “As pessoas são amigáveis, a diversidade é enorme e a comida é maravilhosa” elogiou, em sua quinta visita à cidade, na semana passada. Entre

reuniões para preparar a edição paulista do C-40, Reddy falou com exclusividade ao **Valor** sobre problemas comuns e possíveis soluções para as megacidades, lembrando uma frase de Livingstone: “Nós todos podemos ser pioneiros, mas podemos fazer as coisas muito mais rápido se roubarmos as ideias uns dos outros.” A seguir, trechos da entrevista:

Valor: *Um dos pesadelos de São Paulo é o trânsito. O senhor recomenda algo?*

Simon Reddy: Todas as cidades têm problemas de trânsito, mas cada cidade é diferente da outra e precisa decidir qual a melhor política a adotar. O leque de soluções abrange melhorias nas redes de transporte público, limitar os espaços de estacionamento, taxas para a circulação de carros em algumas áreas. O objetivo do C40 é reunir os representantes das cidades para trocar experiências sobre este tipo de iniciativas. Assim, cada um pode decidir o que funciona no seu caso.

Valor: *Há exemplos concretos?*

Reddy: Trabalhamos, por exemplo, com cidades que estão criando sistemas de transporte de ônibus híbridos, que podem andar com diferentes combustíveis combinados e tecnologias mistas. Alguns têm baterias que são recarregadas pelos próprios motores. São Paulo tem a experiência dos ônibus a etanol.

Valor: *Aqui a política de transportes emite sinais ambíguos. São Paulo bate recorde em número de carros nas ruas e os congestionamentos são inacreditáveis.*

Reddy: O C40 não prescreve o que cada cidade deve fazer porque cada uma é diferente e cada prefeito trabalha à sua maneira. Nunca fui a uma cidade sem pro-

blema de trânsito, São Paulo não é a única. E não há bala mágica para isso.

Valor: *Outro drama são as inundações. Alguma sugestão?*

Reddy: Esse é outro grande problema de outras cidades. Melhorar o sistema de drenagem pode ajudar muito. Mas aumentar o número de parques e faixas verdes, permitindo que a água se infiltre no solo, é algo que também pode reduzir enchentes.

Valor: *Como funciona o C-40?*

Reddy: Facilitamos o contato das cidades com a melhor tecnologia experimentada por outras no mundo. Londres, por exemplo, tem cem edifícios sob a administração pública, como prédios da polícia e do corpo de bombeiros, que estão em programas de modernização, eficiência energética e redução de consumo. Isso não só vai reduzir as emissões de gases-estufa da cidade, como diminuir a conta de energia. Los Angeles está trocando toda a sua iluminação de rua para lâmpadas LED, que são muito mais eficientes. O programa deles para os próximos sete anos, quando estiver concluído, irá reduzir as emissões de gases-estufa da cidade em mais de 40 mil toneladas e economizar US\$ 10 milhões ao ano na conta de luz.

Valor: *Essas experiências são trocadas durante as cúpulas como a que São Paulo irá sediar?*

Reddy: A cada dois anos fazemos as cúpulas, onde reunimos prefeitos e planejadores urbanos. Entre as cúpulas fazemos workshops, às vezes quatro ou cinco em um ano, com temas que interessam às cidades. Nesses eventos, os especialistas e prefeitos falam sobre suas experiências, não só tecnológicas, mas também de gerenciamento. Cada um diz o que está fazendo e assim é possível aprender pelo exemplo. São Paulo pode mostrar como capta gás em seu aterro sanitário e produz energia a partir dele, deixando de lançar gases-estufa para a atmosfera.

Muitas cidades do C40 não têm isso. Estocolmo tem um sistema integrado de gerenciamento de lixo, um caminho que São Paulo pode trilhar no futuro. Estocolmo, Copenhague e Amsterdã têm experiências interessantes com biodigestores,

Valor: *Há bons exemplos de adaptação à mudança do clima?*

Reddy: Temos exemplos de cidades que tentam reduzir o efeito das ilhas de calor. Onde há muito concreto e asfalto, a temperatura média pode ser 4°C mais alta em algumas áreas em relação a outras. As cidades buscam medidas para reduzir esse efeito, como telhados verdes nas casas ou corredores de água. Seul reabriu recentemente um rio, que havia sido canalizado no passado, e onde havia uma avenida de seis pistas, no centro de seu distrito financeiro. Eliminaram a rua, abriram o rio de novo e conseguiram baixar a temperatura ambiente em 2 a 3 graus, porque o rio leva o calor embora. Há iniciativas de plantar mais árvores,

Nunca fui a uma cidade sem problema de trânsito, São Paulo não é a única. E não há bala mágica para [resolver] isso”

abrir mais parques e espaços verdes, esforços que sei que vocês têm feito em São Paulo também. Não só reduzem o calor, mas criam novos espaços de lazer e facilitam a absorção de água, evitando as enchentes.

Valor: Como cidades carentes podem financiar essas iniciativas?

Reddy: Temos workshops de capacitação, para que as pessoas que administram as cidades entendam os mecanismos de financiamento ligados a carbono e quais possibilidades existem. Estamos trabalhando com um projeto do tipo em Jacarta (Indonésia) e outro em São Paulo, com o lixo das favelas de Heliópolis e Paraisópolis.

Valor: Como lidar com a urgência do desafio da mudança do clima? Novas tecnologias, como carros elétricos, são ainda muito caras.

Reddy: Os elétricos são muito caros agora, mas isso está mudando rápido. Há cinco anos se quer tínhamos a tecnologia e passamos de carros que podiam rodar apenas 20 a 30 km para os que andam 200 km. Os preços vêm caindo. Existem arranjos com governos nacionais que os tornam atraentes. No Reino Unido, por exemplo, o governo concede 5 mil libras (o equivalente a R\$ 13 mil) do custo de um veículo elétrico, para dar impulso ao projeto. Em cinco anos vamos ter infraestrutura de recarga e mais carros elétricos circulando em nossas cidades. Isso irá reduzir as emissões de gases-estufa e melhorar muito a qualidade do ar.

Valor: O senhor viu bons exemplos de uso de energia solar?

Reddy: Não focamos tanto em renováveis, porque temos muito o que fazer com a infraestrutura já existente. Na gestão das cidades, nosso foco está nas edificações e no transporte, duas áreas-chave. Podemos trabalhar com parques, iluminação pública, trânsito, lixo, eficiência energética e construções. Construções são responsáveis por cerca de um terço das emissões de gases-estufa, transporte é outro terço. Esses são os grandes setores urbanos onde podemos fazer reduções.

Valor: Nas cidades brasileiras não aquecemos quase as casas. Transporte é o problema.

Reddy: Mas vocês precisam esfriá-las. O Brasil tem matriz energética limpa, de base hídrica, mas há um limite de quantas hidrelétricas se pode ter. Se as pessoas continuarem a usar energia

de maneira não eficiente, vocês atingirão sua capacidade de gerar energia hídrica, e então, o que farão? Vão investir em usinas a carvão ou irão tornar mais eficiente seu consumo e o jeito de refrescar as casas e edifícios?

Valor: O C40 trabalha com saúde pública e mudança do clima?

Reddy: Não muito, mas isso é algo que vai mudar. Saúde e mudança climática é um tema emergente e importante. Doenças como dengue começam a se mover para novas áreas, leptospirose é um drama nas inundações. Se isso tem a ver com o aquecimento global, são claros impactos que os gestores vão ter que enfrentar.

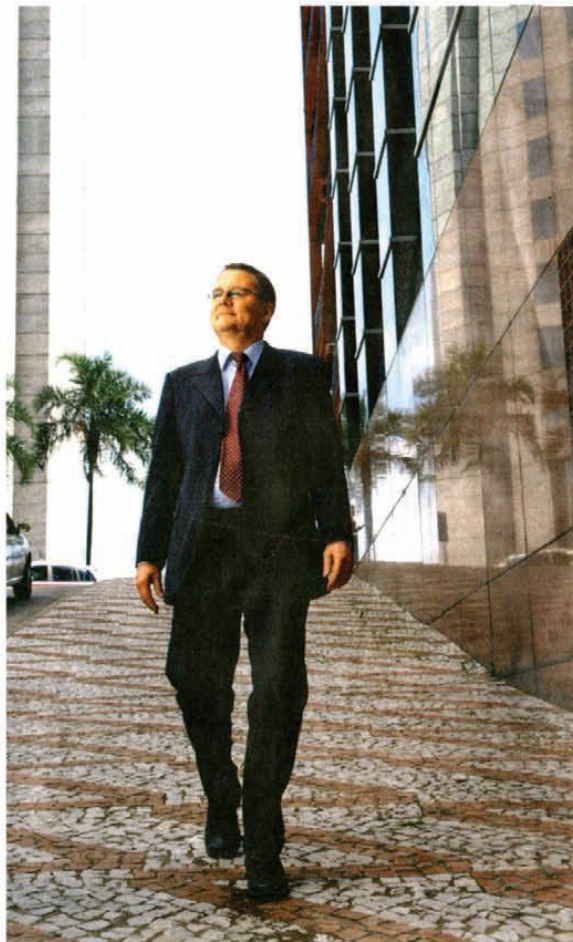
Valor: Individualmente as pessoas se perguntam o que podem fazer para ajudar no problema da mudança do clima. O que sugere?

Reddy: O público precisa reconhecer que mudança climática é assunto importante, exigir que os governantes ajam e apoiar prefeitos quando julgarem que estão fazendo algo em benefício da cidade e na redução de gases-estufa. Encorajá-los se conduzirem a cidade na direção de um futuro sustentável. É algo em duas vias: a cidade tem que explicar o motivo de estar gastando dinheiro público em determinada direção e as pessoas, se quiserem se envolver com o assunto, podem também refletir sobre a forma como se movimentam, se usam transporte público, se podem consumir menos energia.

Em cinco anos vamos ter infraestrutura de recarga e mais carros elétricos circulando nas cidades

Valor: Há medidas politicamente difíceis, como restringir a circulação de carros, por exemplo.

Reddy: Sim, e talvez por isso Ken Livingstone não se reelegeu. As pessoas não gostaram da sua taxa para limitar a circulação de carros no centro de Londres. O novo prefeito reduziu a medida, mas ela ainda existe e custa 10 libras (R\$ 25,80) por dia. Estocolmo também tem uma taxa assim. Nova York tentou também, mas a iniciativa foi barrada.



Simon Reddy, do C-40: "Facilitamos o contato das cidades com a tecnologia experimentada por outras no mundo"

Valor: Viajando pelo mundo o senhor viu boas iniciativas que são simples de implementar?

Reddy: Sim, muitas ideias interessantes. Em Toronto, os prédios da área central não são resfriados com ar-condicionado, mas com um sistema que funciona a partir da água fria dos Grandes Lagos. Em Copenhague fazem algo parecido usando a água do mar. No aeroporto de Estocolmo há dois tipos de táxis, o "verde" e outro normal. O cliente faz a escolha entre um táxi que normalmente é híbrido ou o que funciona a diesel. O preço é o mesmo. Em Seul, há dias livres de carros quando as pessoas são incentivadas a deixarem o seu em casa e recebem vouchers ou estacionamento livre em outro dia, para usarem mais transporte público.

Em várias cidades há iniciativas para que se ande mais a pé ou de bicicleta. Em Paris, Londres, México, Barcelona há bicicletas que se alugam com cartão de crédito e basta usá-las e deixá-las em outro bicicletário.

Valor: Em Berlim, os moradores podem alugar carros para ir ao supermercado, levar as compras para casa, pagar pelas duas horas de uso no cartão de crédito e deixar o carro de volta onde o apanharam.

Reddy: Sim, o "Streetcar", em Londres também existe, você paga 5 libras por hora (R\$ 13). Há outras cidades usando este sistema. Tem muitas iniciativas inteligentes por aí. Não vão fazer grande diferença em termos de balanço de gases-estufa, mas são importantes em termos de comunicação com o público.

Evento debaterá efeitos do clima sobre a saúde pública

De São Paulo

Uma das diferenças da edição paulista do C40 com a de Londres (2005), Nova York (2007) e Seul (2009) é que aqui, pela primeira vez, a cúpula de prefeitos irá discutir os efeitos da mudança climática na saúde pública.

A iniciativa de incluir o tema na agenda partiu do Brasil e foi aprovada pelo grupo. “Saúde nunca aparece neste debate”, registra Paulo Saldiva, coordenador do Laboratório de Poluição Atmosférica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A falha não é só dos outros: “Ambiente não está ainda no DNA da Saúde”, reconhece o médico. “Mas como é que se vai discutir o aquecimento global em cidades e tirar o homem da foto?”

Para construir a conexão e participar dos debates do C40, a Faculdade de Medicina da USP realizou no fim de semana o workshop “Clima e Saúde nas Megacidades” com apoio da Prefeitura. As discussões reuniram um grupo de 80 arquitetos, engenheiros, planejadores, médicos, cientistas sociais, advogados. A intenção era alinhar problemas, sugerir soluções e produzir uma “Carta de Recomendações em Saúde” que será apresentada durante as reuniões do C40.

O debate foi dividido em seis temas — água, ar, solo, clima, mobilidade e resíduos sólidos. Os especialistas levantavam questões que precisam ser estudadas. O que ocorre na saúde da população com a oscilação da umidade relativa do ar? O que explica as diferenças no número de casos de doenças respiratórias e cardiovasculares em áreas da cidade com

mais ou menos verde? Como reduzir o desconforto de moradores de áreas conhecidas como “ilhas de calor”, onde o asfalto e concreto fazem com que a temperatura seja até 3°C mais alta do que em outras regiões da metrópole?

Foi mencionada ainda a necessidade de se estudar doenças ligadas à disponibilidade de água — na escassez e no excesso. Os pesquisadores apontaram a falta de dados para avaliar as diversas situações e a necessidade de definir e organizar a coleta de informações.

Mencionaram-se ações mais contundentes — educar a população para que reduza o consumo exagerado de carne (e diminuir assim tanto a pressão sobre a floresta como doenças cardiovasculares). Ou sugerir que restaurantes e bares sirvam água gratuitamente — o que pode reduzir a emissão de gases-estufa na produção e transporte de garrafas de plástico e combater a obesidade provocada pelo consumo excessivo de refrigerantes. Mas nada foi fechado ainda.

A estratégia para relacionar saúde e ambiente e incluir a conexão na agenda política, das empresas e dos cidadãos, é analisar os benefícios imediatos de ações ambientalmente mais saudáveis. Assim, também, minimizam-se custos e ganha-se em saúde, cita Saldiva. Lembra que com o Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores (Proconve), não só as emissões de poluentes na região metropolitana de São Paulo caíram: a redução no número de mortes foi de 15 mil, em dez anos. Os cofres públicos também ganharam com menos gastos na Saúde: economizaram US\$ 1,5 milhão. (DC)

Horário da coleta do lixo é **confuso** na capital

HORA DIVULGADA EM SITE DA PREFEITURA É DIFERENTE DA DOS SITES DAS EMPRESAS CONTRATADAS PARA FAZER O RECOLHIMENTO

Não é fácil saber a hora em que o caminhão de coleta vai passar para levar o lixo das ruas de São Paulo.

Na última semana, o **Vigilante Agora** constatou que os horários publicados pela prefeitura na internet nem sempre são cumpridos pontualmente. Em algumas situações, os dados até mesmo divergem dos que são divulgados pelas duas empresas contratadas para fazer o serviço. Além disso, trechos de certas ruas, como a Camões, em São Miguel (zona leste), sequer têm informado o horário da recolha.

No caso da Ecourbis Ambiental, que atende as zonas

sul e parte da leste, era impossível consultar, em seu site, a hora da retirada em vários endereços. Em todas as tentativas, uma mensagem indicava que "temporariamente a informação de horário da coleta estará indisponível".

Isso apesar de a lei 15.092, promulgada em janeiro de 2010 pelo prefeito Gilberto Kassab, obrigar os concessionários dos serviços de limpeza urbana a dar publicidade dos horários de coleta do lixo. Desde então, a prefeitura pode notificar e até multar em R\$ 50 quem põe o lixo fora de hora. Em 2010, a prefeitura expediu 558 notificações e multas.

Responsável pelas zonas oeste, norte, centro e parte da leste, a empresa Loga divulgava na internet alguns horários diferentes dos informados pela prefeitura (veja ao lado).

Entre segunda e quarta-feira, a reportagem visitou dez endereços. Em nenhum o caminhão passou na hora exata

indicada pela prefeitura. Apesar de a tolerância ser de 30 minutos antes e duas horas após o horário informado, moradores e comerciantes disseram que o caminhão nem sempre respeita a regra.

"Às vezes, passa às 11h, outras, às 15h", disse Aurélio Urakawa, 32 anos, que tem

uma loja na avenida do Café, na zona sul —naquele trecho, o horário informado para a coleta é às 10h. Para a comerciante Neusa Marturano, 55, que trabalha na Água Rasa (zona leste), é mais fácil acertar os prováveis horários da coleta consultando vizinhos do que a internet. (Caio do Valle)



SP gera 17 mil toneladas de lixo por dia

Segundo a prefeitura, a cidade gera, em média, 17 mil toneladas de lixo por dia, entre resíduos residenciais (10 mil toneladas) e hospitalares, entulho e restos de feira. (CV)

Serviço tem cerca de 3.400 funcionários

Cerca de 3.400 pessoas trabalham na recolha do lixo na cidade nas empresas Ecourbis e Loga. Só na coleta do lixo domiciliar da Loga, por exemplo, havia 965 coletores e 342 motoristas em dezembro de 2010. (CV)

Caminhões rastreados por GPS

Todos os caminhões de coleta da cidade são equipados com GPS, o que permite o monitoramento dos veículos em tempo real, segundo o Limpurb. (CV)

RESPOSTA

Empresas dizem que a hora foi reajustada

A Ecourbis informou que o site da prefeitura divulga os "horários do antigo plano de trabalho", anterior à "introdução de 31 novos caminhões" à frota. Nos casos indicados, a Ecourbis verificou os horários no sistema de rastreamento. Os dados indicam que os caminhões passaram nas avenidas Pedro Bueno, Cupecê e Café (ambas na zona sul) respectivamente às 20h53, 1h38 e 11h54. Sobre a falta de horários no site, a empresa disse que, com a alteração do plano, houve mudança dos horários. Para

"não gerar dúvidas", a empresa retirou os dados. A Loga informou que "é muito difícil indicar um horário fixo" devido a problemas no trânsito. Os atrasos também ocorrem quando os caminhões se deparam com grandes quantidades de lixo, segundo a empresa. Sobre os horários divergentes publicados no site, a Loga disse que os horários de coleta tiveram mudanças e foram postos em seu site em março. A empresa informou que enviou em fevereiro ofício à prefeitura "para a devida atualização". (CV)

RESPOSTA 2

Prefeitura diz que fiscalização é constante

A Secretaria Municipal dos Serviços, por meio do Limpurb (Departamento de Limpeza Urbana), informou que "realiza constantes ações de fiscalização na cidade...para detectar falhas na execução dos serviços de coleta domiciliar, além de orientar e fiscalizar posturas incorretas no descarte de lixo pela população". Segundo a pasta, os endereços indicados pela reportagem serão analisados e, em caso de falhas, a "empresa será notificada". O horário divulgado é uma referência, "com tolerância de duas horas

para a execução do recolhimento". Em 2010, o Limpurb aplicou mais de mil notificações às concessionárias. Sobre o site da Ecourbis, informou que em decorrência da aquisição de novos caminhões, "a empresa está finalizando um novo plano de logística para o serviço de coleta, com novos horários em alguns locais" e que "os horários estão sendo atualizados gradativamente". Paralelamente, informou a pasta, a empresa "realiza um trabalho de orientação *in loco*, informando as mudanças". (CV)

SITUAÇÃO ENCONTRADA

Na semana que passou, a reportagem visitou dez ruas da cidade para verificar se a coleta do lixo era feita na hora divulgada pela Prefeitura de São Paulo em seu site*

 **ZONA NORTE**

 **MANDAQUI**

- **Endereço:** avenida dos Direitos Humanos
- **Trecho:** entre a avenida Ultramarino e a rua João Cassimiro Magalhães Glória
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 14h10 de segunda-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão já havia passado às 14h05. Não havia lixo na calçada
- **O que dizem os moradores:** a coleta geralmente acontece entre 12h e 13h. Às vezes, sacos de lixo trazidos por moradores de ruas vizinhas se acumulam na esquina da avenida Ultramarino

 **TUCURUVI**

- **Endereço:** rua Aurora Fidalgo
- **Trecho:** entre a rua Estela Fidalgo e a travessa Salvador Carvalho A. Gurgel
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 11h05 de quarta-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão do lixo já havia passado às 10h50. As calçadas estavam sem sacos de lixo
- **O que dizem os moradores:** não há horário fixo da coleta. Às vezes, o caminhão pode passar das 8h às 15h. Na última quarta-feira, teria passado por volta das 10h15

 **ZONA LESTE**

 **ÁGUA RASA**


- **Endereço:** avenida Sapopemba
- **Trecho:** entre as ruas Armando Dias e Antônio Gomes
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 15h55 de segunda-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão do lixo já havia passado às 15h30. Não havia sacos de lixo na calçada
- **O que dizem os moradores:** do lado par do quarteirão, o caminhão passa em horário irregular, entre 7h e 9h. Do outro lado, geralmente entre 11h30 e 12h

 **MOOCA**

- **Endereço:** rua da Mooca
- **Trecho:** entre as ruas Borges de Figueiredo e Dr. Almeida Lima
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 11h05 de terça-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão não passou no horário, mas não havia sacos de lixo na rua
- **O que dizem os moradores:** a recolha dos sacos de lixo é geralmente feita no fim da tarde ou no início da noite



 **ZONA SUL**

 **JABAQUARA**

- **Endereço:** avenida do Café
- **Trecho:** entre a avenida Engenheiro Armando de Arruda Pereira e a praça Guajeru
- **Empresa responsável:** Ecurbis Ambiental S.A.
- **Horário informado pela prefeitura:** 10h de terça-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão não havia passado no local até as 10h15. A calçada tinha sacos de lixo
- **O que dizem os moradores:** a coleta não tem um horário definido

- **Endereço:** avenida Pedro Bueno
- **Trecho:** entre o acesso à rua Ministro Rodrigo Otávio e o retorno ao viaduto Jabaquara
- **Empresa responsável:** Ecurbis Ambiental S.A.
- **Horário informado pela prefeitura:** 19h40 de segunda-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão não havia passado no local até as 20h15 e a calçada acumulava diversos sacos em três pontos
- **O que dizem os moradores:** o caminhão costuma passar às 20h

 **CIDADE ADEMAR**

- **Endereço:** avenida Cupecê
- **Trecho:** entre as ruas Rodrigo Paganino e Sassaki
- **Empresa responsável:** Ecurbis Ambiental S.A.
- **Horário informado pela prefeitura:** 20h50 de segunda-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão não havia passado no local até as 21h10. Havia sacos de lixo e caixas de papelão na rua
- **O que dizem os moradores:** não há horário fixo. Há dias em que o caminhão recolhe o lixo às 19h; outros, a partir das 21h30

 **ZONA OESTE**

 **LAPA**

- **Endereço:** rua William Speers
- **Trecho:** entre a rua do Curtume e a travessa Daniel Agreste
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 18h55 de segunda-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão não havia passado no local até as 19h05. A calçada acumulava sacos de lixo. Muitos estavam rasgados ao lado do muro da linha de trem
- **O que dizem os moradores:** o horário da coleta é bagunçado e o trecho da rua chega a ficar dias sem ser atendido por um caminhão

- **Endereço:** rua do Curtume
- **Trecho:** entre as ruas Emilio Goeldi e William Speers
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 18h55 de segunda-feira
- **Situação encontrada:** como na rua William Speers, o caminhão não havia passado até as 20h15. A calçada tinha sacos de lixo
- **O que dizem os moradores:** o caminhão não passa em horário fixo. Às vezes, os sacos amanhecem no mesmo lugar onde foram deixados

 **MORUMBI**

- **Endereço:** rua Alvarenga
- **Trecho:** entre as ruas Caliope e Carangola
- **Empresa responsável:** Loga
- **Horário informado pela prefeitura:** 14h20 de terça-feira
- **Situação encontrada:** o caminhão já havia passado às 13h50. As calçadas não tinham sacos de lixo
- **O que dizem os moradores:** a coleta é feita por volta das 12h

* A reportagem deu tolerância de dez minutos após o horário informado pela prefeitura em cada endereço visitado. Fontes: entrevistados, Secretaria Municipal dos Serviços, Loga e Ecurbis Ambiental S.A.

CONFUSÃO NA INTERNET

- O horário da passagem do caminhão de coleta diverge entre o site da prefeitura e o da Loga. No caso da rua William Speers, entre a rua do Curtume e a travessa Daniel Agreste o horário de passagem do caminhão informado pela empresa é às 19h45, ou seja, 50 minutos depois do que é divulgado pela prefeitura
- No site da empresa Ecurbis Ambiental não é possível consultar o horário exato de coleta de diversos endereços. Uma mensagem informa que, para se adaptar "à nova realidade da cidade de São Paulo condicionada pelo trânsito intenso, o crescimento vegetativo da população e o aumento da geração de resíduos sólidos"
- A consulta do horário exato da passagem do caminhão de coleta não está disponível para alguns endereços no site da prefeitura

COMO CONSULTAR

O horário da coleta de cada endereço pode ser consultado nos sites: www3.prefeitura.sp.gov.br/limpeza_urbana e www.loga.com.br www.ecurbis.com.br

Televisão e Rádio

(10:16) - 8/4/2011

Reclamação: Ouvinte reclama de Iluminação pública na Rua Pedro Cavatoni

Fonte: Rádio CBN AM - SP - CBN São Paulo - 08/04/2011 10:23)

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=16163177&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>

(08:35)

Moradores se mobilizam para enviar documento a Subprefeitura do Butantã

(Fonte: Rádio CBN AM - SP - Jornal da CBN - 08/04/2011 08:40)

Os moradores do bairro do Butantã se mobilizaram para enviar um documento para Subprefeitura local, reclamando do mato alto e a falta de iluminação no local. Eles se reuniram, porque as reclamações individuais não adiantavam.

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=16161817&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>